

**Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón**  
**Milão, 19 de Junho de 2013**

*Textos de referência: J. Carrón, «Primeira meditação», em «Quem nos separará do amor de Cristo?», supl. Passos, Junho 2013, pp. 14-39.*

- *Fica mal com Deus*
- *Il viaggio*

*Glória*

É o que todos desejamos, aquilo que acabámos de cantar: que «aquele mundo distante» que todos desejamos, «seja sempre mais verdadeiro», isto é, mais real, que determine o viver. É a urgência que todos sentimos como mais poderosa, como se vê nas perguntas que chegam: «Obrigado pelo trabalho que nos estás a fazer fazer. Depois de uma vida no movimento (tenho cinquenta e oito anos e tinha dezasseis quando comecei este caminho), encontro-me a dar os primeiros passos como uma criança que aprende a caminhar. Preciso que me ajudes sobre o que te vou ler da página 17 dos Exercícios: “Que ganho seria para o nosso viver, para o nosso olhar para nós mesmos, se nos comportássemos como *don* Giussani, procurando identificar-nos com Cristo para que também a nossa vida esteja cheia daquele olhar, do olhar que Cristo dirige a Zaqueu!”. Explicaste-o na assembleia de domingo, mas podes ajudar-nos ainda? Acontece-me que sem este olhar eu não sou capaz, mas basta que aconteça aquilo que eu não esperava (quase sempre) e imediatamente a certeza sobre Ele se desmorona». Percebem que quando *don* Giussani nos chama a atenção para a personalização da fé e quando o Papa insiste no propor um ano da fé é mesmo para isto? Realmente se esta fé, se este reconhecimento de Cristo, se esta certeza, não é suficientemente consistente – como se vê imediatamente na confusão do adulto diante dos problemas do viver -, tudo se desmorona. Diz uma outra carta: «Comecei a trabalhar sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade. Ultimamente foi-me particularmente difícil, por nenhum motivo em especial, mas porque, independentemente do que fizesse, era como se faltasse sempre eu. Tudo passou a ter o sabor da rotina, o fazer por dever; a protagonista já não era eu, mas uma minha sucedânea. Não é o viver dramático “que corta as pernas” como nos conta Pavese, mas é um cansar-se nas coisas da vida, é um mal-estar que não só me faz estar mal comigo mesma, mas enevoa tudo o resto, triplica a dificuldade de estar em casa, insinua-se nas relações com os meus amigos e faz-me duvidar até do bem que quero ao meu namorado. E num momento de extremo cansaço fui confrontar-me com um amigo, que me disse que estes momentos escuros são aqueles em que Deus me põe à prova, me faz procurar, porque a realidade quase nunca satisfaz a nossa expectativa, há um desígnio maior para cada um de nós. Mas mesmo estas palavras só me deram um alívio momentâneo. Há sempre um “mas” que domina. E a pergunta que nos fazes na Introdução foi uma bofetada na cara: “Onde está o nosso primeiro amor?”. A mim não me basta dizer que as circunstâncias, quaisquer que elas sejam, são feitas para mim, não consigo fazer disso um caminho maduro, porque sufoco lá dentro, e a consciência de ter tudo e que nada me basta não me faz respirar, é uma procura ansiosa que me conduz sempre a um beco sem saída. Eu estou certa do acontecimento de Cristo na minha vida, basta-me olhar os rostos que me foram postos ao lado, mas quando tudo parece desaparecer [quando não sucede aquilo que eu esperava, dizia a carta anterior], quando tudo diz o oposto, posso contentar-me com um esforço mental que me faz colar o nome de Cristo sobre aquilo que me sucede (“Já que sei que está”) apesar da confusão reinante?». Percebem porque repito quase todas as vezes a frase de *don* Giussani: se a fé não é «uma experiência presente, e confirmada por esta» onde eu encontro a confirmação na experiência da conveniência humana da fé, não poderá resistir num

mundo em que tudo diz o contrário, tudo diz o oposto (Educar é um risco, Diel 2006, pág. 20). E então o que acontece? Não é que falte a afirmação de Cristo; está convicta disso – diz -, mas se não sucede como acontecimento, se não reacontece no presente como acontecimento, encontra-se ansiosamente à procura de alguma coisa, a fazer quase um esforço mental para colar Cristo. O nome de Cristo já está vazio, tudo palavras sacrossantas cristãs, mas o Acontecimento já não se vê. Por isso, não nos basta repetir fórmulas que todos sabemos («o acontecimento cristão», «Cristo») com um esforço, porque diante do real nada disto basta! E então o que é que isto implica? O desejo de perceber do que é que estamos a falar. Porque é que quando nós repetimos a frase: «O nosso primeiro amor onde está?», a ouvimos logo como uma bofetada potente, como uma repreensão, como se o problema fosse que não estamos à altura (como dizíamos a vez passada); pelo contrário é um apelo à memória de Cristo, ao facto consolador que Ele está, como indica Giussani falando do paralítico, está na página 20 dos Exercícios: sabemos que o Acontecimento está a acontecer porque investe a vida, porque «a sua relação com Deus [dizia do paralítico depois que tinha sido curado], o modo como naquela noite rezou, o modo como depois foi ao templo todos os dias, o sentimento que tinha da vida quando via o sol a pôr-se [não só no momento “pio”] ou o sol a nascer, e quando depois ia trabalhar todas as manhãs com o espírito cheio de gratidão e com a alma cheia de misterioso temor, de temor e tremor para com este mistério de Deus que tinha chegado até ele [...]; em resumo, o sentimento para com Jesus [nada a ver com o esforço para dizer o Seu nome] [...], o modo como ia com os outros [...], o modo como pensava no seu passado [em todas as baixezas que tinha feito] [...], eram tudo acções que partiam de uma consciência de si, de uma noção da sua pessoa, cuja fisionomia fora plasmada, [...] de como Jesus o tinha investido, de como Jesus o tinha tratado, de como ele tinha conhecido Jesus» de como Jesus estava a acontecer nele. Se isso não acontece no presente, e nós não vamos para O reconhecer, o cristianismo permanece como alguma coisa que já não está mais. E tudo se torna, novamente, em quê? Num esforço para dizer um nome vazio, com as palavras cristãs. Pelo contrário, as mesmas circunstâncias podem-se viver determinadas por isto. Oíçam estes dois exemplos. «Como sabes cerca de um mês depois da minha chegada a Nova Iorque adoeci de forma particularmente aguda. Durante mais de um mês fiquei incapaz de me mexer por causa das fortíssimas vertigens que tinha. Pela minha maneira de ser sobretudo os primeiros tempos foram muito duros por ter de ficar de cama em Nova Iorque com mil coisas que devia e queria fazer e isto pôs-me muito à prova. Perguntava-me: porquê agora? Mas porquê precisamente aqui? E começou uma batalha em diversas frentes. Mas a frente mais difícil era a última, aquela em que Deus me pedia para entrar. Durante algum tempo apenas resisti, apertando os dentes, esperava que a doença passasse e pronto. Depois aos poucos alguma coisa começou a mudar e o meu coração de pedra começou a abrir-se. A companhia incansável da minha namorada, de alguns amigos, da família, através dos Exercícios, lentamente a minha conversão começou a assinalar-se; lentamente. No dia 15 de Maio foi o primeiro dia que saí de casa. Há já muito que não acontecia. Fui ao parque em frente de minha casa e, procurando suportar as tonturas, comecei a dar os primeiros passos: que espectáculo! Nunca teria dito que dar-me conta de poder andar pudesse provocar uma alegria semelhante. Naquela tarde, olhando à volta, fiz memória do amor que Deus me tem. Toda a minha vida diz com clareza que o meu Senhor me conhece muito melhor do que eu me conheço a mim. Isto não podia negá-lo. Teria querido dizer cancelar a minha história. Podia negar tudo, mas não isto. E disse para comigo: quem sabe, talvez se o Senhor me dá esta doença – precisamente a mim, precisamente agora, precisamente aqui – é porque é um presente [a categoria da possibilidade: “Talvez seja um presente”]. E aquele “precisamente a mim” fez-me rebentar de alegria». Segundo exemplo. Escreve um preso a um nosso amigo: «Recebi com grande alegria a tua carta. Não te preocupes com os atrasos. É mesmo verdade que nunca é um raciocínio que te muda, mas é um encontro. A nossa companhia existe precisamente para isto: para nos

recordar o encontro feito, porque é uma companhia ao destino. Neste período fizemos um trabalho discreto sobre os Exercícios do Clu, e, graças ao empenho e à comparação como o coração veio ao de cima várias coisas. Tive dias muito alegres e um dia, regressando, disse a um amigo: “Deus ama-me. Tenho a certeza disso”. Ele olhou-me um bocado espantado porque me conhece bem e sabe toda a minha história e a dificuldade de cada dia, mas não pode se não reconhecer aquilo que também ele está a viver comigo: o amor gratuito. Sim, querido irmão, assim escancarado diante de tudo e de todos consigo não reduzir aquilo que encontrei, mas abraço os meus dias por aquilo que são, e asseguro-te que me estão a dar verdadeiramente tanto [como há dois mil anos atrás: o Acontecimento investe o hoje na prisão, não no Havai!]. Tive maneira de encontrar pessoas inesperadas e partilhar com elas o meu caminho e transmitir-lhes um pouco da minha fé. Verdadeiramente a gratuidade é amor até a si mesmo, é a virgindade de uma relação verdadeira. Sim, tu dirás: “Como é que é possível não se mover pela conveniência, sobretudo aí onde te encontras?”. Diante da beleza muda o método, mas depois o meu coração, o meu detector, assinala-me sempre o erro, e sou livre de me dar conta e voltar ao método justo. Deus deu-nos o detector e a nossa liberdade, que é sempre livre até ao fim, qualquer que seja a condição em que vivemos, livre, livre, e isto é belíssimo, um dom de Deus, como se no acto da criação Ele mesmo nos tivesse dado esta coisa que nem sequer Ele pode tocar: a nossa liberdade. Então o nosso viver durante o tempo da liberdade, o nosso tempo que nos é dado para compreender e para amadurecer, o tempo de Deus é a caridade de Cristo. E este meu existir tem um retorno muito particular: dá-me a sensação de estar no lugar certo no momento certo. É uma sensação belíssima que te faz agarrar o instante, instante por instante, o resto torna-se tudo consequência. Nunca experimentas-te tudo isto? Para mim é um trabalho, porque estou circundado por pessoas que não vivem a realidade, mas reduzem sempre, criticam e estão continuamente projectadas ou ao passado pisado e repisado ou num futuro hipotético que se desmorona ao primeiro sopro de vento. Verdadeiramente “os Meus caminhos não são os vossos caminhos”». O sinal de que o Acontecimento está a acontecer em nós é a modalidade com que podemos viver o instante, e o facto de que uma pessoa se projecte num passado ou num futuro hipotético é o sinal de que não há qualquer coisa no presente mais interessante do que qualquer imaginação do passado ou do futuro. Esta é a natureza de um acontecimento: que não depende. Li estas duas cartas para mostrar que não têm a ver as circunstâncias em que nos encontramos, mas só tem a ver aquilo que está a acontecer no instante dentro das circunstâncias.

*Começámos há alguns dias a exposição do John Waters sobre a experiência de ouvir música rock. Envolveram-se os miúdos e alguns adultos (da minha idade também). Participei nas primeiras fases de lançamento desta iniciativa e posso considerar-se a título pleno um dos "autores". Mas é impressionante a maneira como, a cada instante, desde a apresentação dos passados meses até à exposição destes dias, tenha sido e ainda seja evidente um acontecimento do qual não sou, certamente, autor. Através daqueles painéis passa a novidade de um olhar novo sobre os cantores de rock; foi esta novidade que, de alguma maneira, tocou cada um de nós. Fiquei impressionado com os miúdos (quase nenhum era do movimento e até são miúdos bastante afastados do cliché dos jovens "religiosos") que, sendo guias da exposição e contando a história destes cantores, reconhecem que aqueles exemplos de necessidade, desejo, grito, não são estupidezes e, aliás, merecem um empenhamento quase totalizante: passavam todo o tempo que podiam na exposição, mesmo fora dos horários de funcionamento. Alguns deles decidiram até organizar um cantinho ao vivo, com músicas escritas por eles; o conteúdo e as sonoridades das músicas deles explicam-se exactamente no seguimento das experiências de humanidade contadas na exposição. Também me impressionou a novidade de olhar dos adultos (incluindo o meu), capazes de olhar por todos, tomar conta dos pormenores, de se envolver a fazer isto com miúdos que nem conheciam, de*

*valorizar momentos de experiência que consideravam úteis até para o trabalho do dia-a-dia, porque a maioria destes adultos são professores. Então, eu via nestes adultos, que são os meus velhos amigos, um olhar, uma novidade que nunca tinha notado. No fundo, dou por mim como espectador de liberdades provocadas, tocadas, incluindo as dos visitantes que nos agradecem e ralham connosco por não termos feito publicidade suficiente à iniciativa. Isto é um espectáculo e eu não o quero perder, nem sequer em nome de preocupações organizativas que garantam o bom êxito da iniciativa; aliás, para ser sincero, acho mesmo que não fui particularmente determinado por preocupações organizativas e vários incidentes de percurso, infelizmente, confirmam-no. Mas também reconheço que um olhar que descubro hoje em mim como sendo tão respeitador da liberdade dos miúdos e dos adultos envolvidos é fruto de um olhar que vi sobre mim, que começou naquele olhar que o meu responsável dos Liceus teve paciente e tenazmente sobre mim há dezenas de anos, até ao último testemunho de há vinte dias atrás (em que se falava de uma abordagem a uma ocasião de trabalho especialmente difícil mas em que se concluía com uma pergunta mais séria sobre o valor da vida com aquela pessoa), que determinou alguns encontros com alguns clientes meus particularmente problemáticos. Assim percebo o que tu dizias nos Exercícios da Fraternidade: «Se prevalece em nós a presença daquele olhar, se este investe a vida, é possível verificar isto na maneira como nos relacionamos como tudo».*

Isto é um exemplo do que dissemos: muda a relação com tudo. Senão, o que prevalece? O queixume, como me escreveu outra pessoa, chamando a atenção para o episódio de Marta e Maria: «Ao reler a Primeira lição de sábado de manhã, encontrei uma correspondência no que tu dizias, isto é, que o primeiro instante não pode ser controlado pelo homem, é tão imprevisto que nos surpreende sem defesas, pelo menos por um instante. Isto, para mim, é inegável, ao ponto de me comover, mas também foi assim para Marta, que estava tão comovida como eu. Ainda assim, pode-se estar tristes ou transfigurados pelo acontecimento de Cristo. Na verdade, eu já não sou como dantes, mas Marta fechou-se em si, sem olhar realmente para aquele instante, porque se uma pessoa não tem uma necessidade, não tem uma ferida, fecha-se a quaisquer possibilidades, e procura manter tudo sob controlo. Mas para mim foi determinante ter uma companhia que me ajudasse a ajuizar o que me tinha acontecido». O que é esta companhia que me ajuda a ajuizar? O que é que permite julgar a posição de Marta e a nossa posição? O coração: se na nossa experiência prevalece a tristeza, o passo, o futuro ou se prevalece a transfiguração, isto é, se prevalece uma Presença que determina a vida. E cada um de nós percebe isto, como dizia o nosso amigo da prisão, percebe isto! Senão a cedência ao queixume é logo o primeiro sinal, como disse o Papa há dois dias: «Cristãos tristes, ansiosos, estes cristãos que levam a pensar se acreditam em Cristo ou no "deus queixume": nunca se sabe. Todos os dias se queixam, queixam-se; e como o mundo está, olha, que calamidades, as calamidades» (Discurso aos participantes no Congresso celestial da Diocese de Roma, 17 de Junho 2013). É nesta questão que devemos ajudar-nos cada vez mais no trabalho dos Exercícios: não se trata de repetir frases, nem de fazer lições, mas sim de surpreender na experiência o que significa que o cristianismo está a acontecer em mim como acontecimento, o que significa que prevalece outra coisa. Podemos verificar estas coisas só no presente, no presente cheio de uma Presença.

*Queria contar um episódio para testemunhar exatamente o contrário daquilo que estavas a dizer agora, quando ao voltar a ler esta parte dos Exercícios – em que tu dizias de um modo claríssimo, como acabaste de fazer, que Cristo é um acontecimento agora – me dei conta de uma posição minha da qual não tenho muitas vezes consciência. Trabalho com uma colega com quem comecei a ter uma relação verdadeira. Há alguns meses atrás convidei-a para ir comigo às férias do Movimento; ela percebeu que eu estava a ser sincera e disse-lhe tudo o que se diz quando se quer convidar alguém para as férias. Respondeu-me: «Está bem, vou*

*pensar». Duas semanas depois disse-me: «Decidi não ir». Quando me disse aquilo fiquei muito mal e pensei que era sempre assim, que os meus colegas nunca aderem. E, este facto, feriu-me verdadeiramente. No entanto, o ponto que quero sublinhar é o que aconteceu nos dias seguintes: reparei que estando com a minha colega que, repito, é uma verdadeira amiga naquele local de trabalho, dei por mim distante e indiferente. E descobri assim uma posição muito frequente em mim no embate com a realidade (nas pequenas e grandes coisas), que é mover-me entre dois polos opostos: ou a posse ou a indiferença. Ou desejando apoderar-me de uma coisa para decidir eu como deve ser ou, em alternativa, como na realidade, graças a Deus, nem tudo acontece como eu penso, fechar-me na indiferença, ou por outras palavras na não afectividade. E quando li esta parte dos Exercícios, disse para mim mesma: mas ao nível existencial, o facto de Cristo ser um acontecimento o que significa? Porque eu dei por mim nos dias seguintes exactamente como descrevi, isto é com uma distância e uma indiferença que é o primeiro modo para afastar de mim a realidade... O facto que a nível existencial Cristo seja um acontecimento: zero! É como se eu tivesse tido a preocupação de recuperar com ela até um interesse que, naqueles dias, evidentemente tinha perdido, mas sem um verdadeiro recurso à disposição.*

Tentemos perceber bem a relação que existe entre a indiferença de que falavas e o Acontecimento e o modo como estamos a viver a fé.

*No trabalho estão a acontecer muitas coisas, muitas ideias interessantes. No entanto há muitas interrogações que todos os dias me preocupam e por isso gostava que, ao contrário do que acontece, muitas coisas fossem mais claras e definidas. Nos últimos tempos isto estava a ser um peso, um grande peso para mim e as consequências conhecemo-las bem todos: não conseguimos fazer nada e, das duas uma, ou procuramos algo que elimine o cansaço que sentimos ou aumentamos o frenesim. Mas aconteceu, uma pessoa com quem trabalho, falar da mesma coisa, ou seja da incerteza e da indeterminação de algumas coisas que vivemos, de um modo completamente diferente de como eu estava a viver isso, isto é, não definida por isto e de um modo não superficial, tendo bem presente todos os elementos que a tornam particular tendo, no entanto, uma certeza. Então, quando a ouvi falar lembrei-me de repente de muitas coisas que vivi que têm este ênfase, um ênfase inconfundível: a presença de alguém que ao mesmo tempo que está consciente dos factores mas que não é superficial porque não depende dos factores (que não são exactamente como desejaríamos). Isto fez cair por terra a minha posição, sentia-me verdadeiramente atraído e pensei: cada vez que aconteceu, isto tinha a ver com Cristo. Depois disto, consegue-se recomeçar no dia seguinte, não por terem mudado os factores, pois o receio sobre algumas coisas continua, mas o ponto interessante é que, depois daquele facto, já não estava determinado pela ideia que tinha sobre mim (porque, uso o plural por me parecer acontecer com todos, temos dificuldade em atravessar os muros que nós próprios criamos), mas estava determinado por outra coisa que sei que é aquilo que me cumpre. E ao enfrentar o receio de algumas coisas, dei-me conta que antes eu dependia do sucesso que esperava conseguir e que agora dependo só desta Presença que me muda a cada instante.*

Uma pessoa dá-se conta que existe alguém que, enfrentando uma situação semelhante à dele, a vive de um modo diferente, não determinado pelas circunstâncias, com um ênfase totalmente novo, inconfundível.

*Tu começaste a primeira lição de sábado de manhã dizendo que o cristianismo se revela na sua natureza como resposta a uma necessidade presente. E eu sempre interpretei esta necessidade como algo a atingir (por exemplo no trabalho: resultados a alcançar), como uma performance. Há duas semanas atrás aconteceu o maior sucesso dos últimos anos na minha sociedade, completamente imprevisível. Uma semana depois fizemos a nossa assembleia; em*

*vez de cinquenta pessoas, apareceram mil: apoteose! O objectivo pelo qual trabalhei, que pensava ser a resposta à minha necessidade, não só foi atingido como ultrapassou em muito as expectativas. Mas naquele momento descobri que isto me deixava ainda com sede e não respondia completamente à minha necessidade. Que necessidade? Ao fim do dia disse ao meu filho: «Repara, o olhar que experimentei no dia em que fomos a Roma ao encontro com o Papa é muito diferente, é incomparavelmente maior e responde muito mais do que este sucesso que tive no trabalho.»*

Obrigado

*No Sábado fizemos um churrasco com o grupo de Fraternidade. Preparámos tudo muito bem: carne de primeira qualidade, legumes e tudo mais, cozinhámos a tarde toda, pelo que estavam reunidos todos os ingredientes para que a noite fosse bela. E depois passou a correr, sem que eu me desse conta. No carro, a caminho de casa, estava triste. Estava triste porque era evidente o exemplo que tu deste na lição de sábado de manhã, aquele em que Giussani tinha ouvido uma cântico na casa do Grupo Adulto, no qual podem estar presentes todos os elementos, mas se O damos por adquirido então nada responde à espera, nada satisfaz o desejo do coração. O que me impressionou é que para mim não é normal sair assim de um jantar, porque, pela minha sociabilidade com uma cerveja e uns enchidos tenho a metade da noite assegurada.*

Estas preparada!

*Estou preparada! E então tornou-se evidente que o reconhecimento de que esta nostalgia nasce do facto que, pelo contrário, o caminho deste ano foi marcado por momentos de pessoas e de lugares nos quais experimentei esta plenitude. E este caminho esta a mudar a minha vida, pelo que não posso prescindir dele; posso, mas sinto imediatamente a ausência. Porque é que voltar a casa triste é indicativo do caminho que fizeste? Qual é a diferença entre ao antes e o depois?*

*É que naquele momento O acontecimento estava presente. Naquele instante, como tu dizias há pouco, existia aquela presença, que estava ali comigo e que assinalava aquela minha tristeza, é como uma relação afetiva que quando reconheces dás-te conta que antes não existia. É também interessante o facto que escrevi de imediato uma mensagem a dois ou três amigos e a resposta que recebi de todos eles foi o sinal de que estamos a percorrer este caminho; há uns anos atrás nenhum de nós teria tido esta reação.*

*Isto são exemplos que servem para nos ajudar a perceber o que é o cristianismo como acontecimento. A nossa amiga, cuja colega se recusou a participar nas férias dizia que quando o acontecimento não está presente, ou prevalece a indiferença ou prevalece aquilo que já possuímos. Quando está presente, o facto de voltar a casa triste – quando normalmente se contenta – quer dizer que começou a experimentar outra vida, pelo que os enchidos não lhe bastam! Está a acontecer qualquer coisa no momento presente. É isto que devemos procurar perceber. Não o que é que acontece depois, ou as reflexões que fazemos depois, ou o remorso que sentimos depois, não! O que é que está a acontecer agora, que documenta melhor ou pior se o cristianismo está a acontecer em nós? Não se prendam com o problema da coerência, porque jamais seremos coerentes se antes não acontece algo que nos interessa mais do que qualquer outra coisa. Alguém me disse que a sua incoerência o escandaliza, mas eu insisto: insistir na coerência é uma perda de tempo. A questão fundamental é perceber o que é que agora pode preencher a vida!*

*Esta noite percebi melhor que o que conta não é se quer o sucesso missionário, o sucesso do que fazemos, mas é o instante em que vivo. E a coisa que me impressiona é a consequência desastrosa que se manifesta quando isto não acontece: tu dizes, na página 26 / 27, que há um vazio enorme, porque nós fomos feitos para a plenitude; e se não existe esta satisfação no*

*instante presente, cria-se, dentro de nós, um terramoto e tu falas de proveito, sucesso e poder. Então, como eu gosto de ler livros de história, fiquei pasmado que tenham passado tantos séculos nos quais tantos cristãos viveram de proveito, sucesso e poder. Podiam até fazer-se guerras religiosas para defender a fé, dar a vida, mas isto não tinha nada que ver com a experiência. Podia haver ganhos eclesiásticos, e toda a estrutura servia para uma defesa teórica do dogma. Porque é que digo isto? Porque aquilo que dizemos uns aos outros por vezes é tratado como assunto de discussão: pode-se estar mais ou menos de acordo. Pelo contrário é decisivo porque muda a história, a história pode se tornar uma questão de poder “em nome” da fé. E por isso é impressionante que possa existir um momento da história do nosso movimento no qual somos reconduzidos continuamente ao cristianismo como acontecimento. Porque não é um dado adquirido, pode existir história cristã que segue por outro caminho. E isto é impressionante.*

E quais são os dois sintomas de que o cristianismo não está a acontecer agora? Teoriza-se um acontecimento passado, como dizia o recluso... Não é que o recluso seja perito em teologia, mas sabe muito bem do que fala e sabe que novidade vive no presente. De outra forma teoriza-se o Acontecimento, falamos de Acontecimento como uma coisa passada, mas que já não determina o presente, como diziam há pouco. O outro sinal é que, como somos todos feitos para a plenitude e não para o vazio, procuramos apoios substitutivos, como dizíamos no segundo ponto da primeira lição, como a vitória, sucesso e o poder. Estejam atentos porque se não fazemos outra experiência de vida, estaremos no mundo como toda a gente. Oíçam o que disse o Papa: «O baptismo, este passar de “dentro da lei” para “dentro da graça”, é uma revolução. Há tantos revolucionários na história, mesmo muitos. Mas nenhum teve tanta força como esta revolução que Jesus nos trouxe: uma revolução para transformar a história, [porque é] uma revolução que muda em profundidade o coração do homem» (17 de Junho de 2013). Nós pensamos que podemos mudar a história sem mudar o nosso coração, sem nos convertermos, ou seja, sem fazer uma experiência de conversão a Cristo que torne possível uma experiência de vida pela qual possamos estar no mundo livres de tudo o resto. Porque é isto que surpreende o recluso: poder viver mais a fé do que nós e estar mais livre na prisão do que fora dela, e testemunhar Cristo ali; não tem nenhum lugar de poder, mas na prisão – analogamente ao jardineiro do livro de Havel – pode acender uma luz. O que é que nós estamos a fazer no mundo? Se não testemunharmos isto – diz o Papa Francisco -, não podemos oferecer a esperança no que a vida se pode tornar. Por isto, aquilo de que falámos nos Exercícios da Fraternidade não é o aspeto espiritual da vida. Não! A verdade é que não podemos testemunhar nada desta novidade, desta revolução que Cristo introduziu na vida, se não passar pela forma como vivemos as circunstâncias no presente, livres de qualquer resultado.

**«Como é que se pode viver?»** A férias que teremos são uma ocasião preciosa para responder a esta pergunta. Escolhemos este tema para que ninguém possa confundir a experiência com as próprias imagens, com os próprios sonhos, com os próprios comentários ou com as próprias lamentações. Diante de uma pergunta como esta ninguém pode fazer batota. Para responder a esta pergunta cada um de nós é obrigado a contar factos. Esta pergunta ajuda-nos a perceber o que estamos a fazer no mundo, para que serve a fé.

E isto não o escolhemos para que cada um seja capaz de fazer um teste à sua performance, não nos interessa, já sabemos que não estamos à altura, chumbámos todos! Ou passamos até, como quiserem, porque é a mesma coisa. Porque, como diz o Papa Francisco, é Deus que transforma o coração, Ele «muda-te o coração». Se nós acolhemos a sua graça, ele muda o nosso coração. «Para sermos basta uma coisa: acolher a graça que o Pai nos dá em Jesus Cristo. Esta graça muda o nosso coração» (17 de Junho de 2013). Por isso, não é um problema

de *performance*, é um problema da nossa disponibilidade, conscientes da nossa necessidade, a acolher esta graça que está a acontecer agora.

No que diz respeito às **nossas férias em conjunto**, as **férias comunitárias**, não as demos por adquirido como se fossem um rito que se repete todos os anos. Perguntemo-nos: porque é que vamos às férias? O que é que queremos comunicar? O que é que queremos viver juntos? Para fazer o que nos apetece não precisamos das férias do movimento! A questão é se aproveitamos este momento para comunicar a beleza que vivemos. O que é que gostaríamos de mostrar a um amigo novo que vem connosco? O que é que desejamos? Que pudesse fazer uma experiência. Então os passeios, os momentos de testemunho, a apresentação de um livro, um diálogo sobre um tema interessante, a Missa, as Laudes, o Ângelus, tornam-se uma ocasião para ver o que são umas férias como paradigma da vida, como modelo do que é que um dia vivido em Cristo pode incluir, do que é vida para um homem que encontrou Cristo (se nas férias não vemos qual é a beleza de uma vida segundo a fé no momento presente, então a fé reduzir-se-á a uma coisa do passado, sem interesse). Por isso todos os gestos que fizemos devem incluir esta promessa: a possibilidade de verificar a fé na experiência. Uma degustação, um passeio especialmente exigente... esperamos disto a resposta à pergunta «como se pode viver» ou uma modalidade de viver a comunidade cristã? Se não, acabamos por fazer umas férias com os mesmos critérios que toda a gente: esperando a resposta do yoga, da descida do rio numa canoa, do SPA ou do *hobby* que temos na cabeça, mas não de Cristo (com Cristo, se depois se come bem, melhor!). Assim poderemos voltar das férias com uma resposta adequada à pergunta «como se pode viver?», não com uma teoria, mas com uma experiência vivida.

Durante as férias de verão convido-vos a trabalhar, com esta consciência, sobre a primeira e a segunda lição dos exercícios da fraternidade.

Os livros indicados para este verão são os seguintes:

*Um evento Real na vida do homem (1990-1991)*, que é o último livro das *Equipes* de Don Giussani.

È impressionante ver a companhia que *don* Giussani nos continua fazer através destes textos. Rele-los agora (até para os que participaram nestas *Equipes*) e deixar que aquilo que na altura emergiu, julgue as circunstâncias de hoje, pode-nos surpreender pela pertinência e atualidade de juízo que *don* Giussani nos testemunha, e como continua a acompanhar-nos hoje.

*O poder dos sem poder*, de *Vaclav Havel*. Este texto, que propusemos como livro do mês, aconselhamo-lo também para o verão para que tenhamos tempo de o ler e não percamos a oportunidade. Se o tirarmos por um segundo do contexto histórico do comunismo, vemos como também é útil agora para perceber qual é o poder da ideologia ou, para usar outro termo, da mentalidade dominante. Como podemos ser livres hoje? É uma ajuda para perceber o que significa amar a verdade mais do que qualquer outra coisa.

*Papa Francisco. O novo Papa fala de si*. Quisemos propor este livro de diálogos do Papa Francisco (quando ainda era cardeal) com dois jornalistas (Sérgio Rubin e Francesca Ambrogetti), porque nos ajuda a perceber melhor a personalidade e a dimensão deste novo Papa.

*A minha juventude. Poesias*, de Ada Negri. Sugiro-vos que leiam este texto a partir do comentário que Don Giussani lhe fez, no livro *As minhas leituras*, é uma ajuda para perceber como sucedeu em Ada Negri a surpresa da conversão.

O título do **Meeting** deste ano, **Emergência homem**, recorda-nos as diversas vezes em que o Papa Francisco nos disse que a crise que vivemos não é antes de mais económica, mas «é uma

crise do homem: é o homem que esta em crise! É o homem que pode ser destruído! Mas o homem é imagem de Deus! Por isso é uma crise profunda! Neste momento de crise não podemos preocuparmo-nos somente com nós próprios, fecharmo-nos na solidão, no desencorajamento, no sentido de impotência diante dos problemas. Não se fechem, por favor!» (Vigília de Pentecostes com os Movimentos e novas comunidades. 18 de maio de 2013). O Meeting, com as suas propostas de exposições e de encontros, pretende ser uma ajuda a compreender a preocupação do Papa, que não é de todo óbvia.

**A Jornada de Início de Ano** será no sábado **28 de setembro de 2013**.

*Veni Sancte Spiritus.*

Bom verão para todos!